



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

UM PENSAMENTO-DESENHO AFRO

PEDRO IVO CIPRIANO¹

Resumo : Objetivo do texto é construir uma “escrita de artista” (PAULINO, 2011), como um pretexto criativo para pensar, a partir do desenho, a representação e a apresentação dos orixás, assim como compreender o conjunto de uma vivência religiosa contida nesse desenho que nos possibilita elucubrar acerca do ser afrodescendente na sociedade brasileira. Importa destacar que este desenho – chamamos de *pensamento-desenho*- pode ser lido como a metáfora do homem afrodescendente no texto, uma vez que apresenta possibilidades de pensar o ser afro na cultura brasileira. Pretende-se demonstrar uma escrita como processo artístico, ou seja, que se funde, liquefaz ao desenho, à obra artística, sem ser uma mera explicação da mesma. Seria a perspectiva do desenho como pensamento de inscrever-se em um tempo e em um lugar. O mito afro é mote para pensar o corpo afro em trânsito na sociedade brasileira uma epistemologia da macumba. Promove-se o uso da arte afrodescendente, fonte criativa e inspiradora para escrever uma história que visita os antepassados por via de um método estético.

Palavras-chave: Afrodescendente; Arte; *Pensamento-desenho*; Desenho; Estética.

O conhecimento da arte desenvolve a minha capacidade de percepção, raciocínio, memória, intuição e imaginação ampliando o poder de conhecer o mundo e minha faculdade expressiva. No terreiro, a capacidade de comunicação escrita e oral aumenta com a arte. Aprendo como ela transforma a realidade comum em original, expandindo minha compreensão do mundo. O movimento e a materialidade presente no desenho, na arte de desenhar, possuem conceitos e informações específicas que nos remetem ao tempo e ao espaço. É a capacidade humana de transformar a natureza.

A prática religiosa de base africana traz conhecimento e movência, seja Umbanda, seja Candomblé: é o momento em que um pequeno espaço é criado para recordar e vivenciar saberes e conhecimentos dos antepassados – orixás, inquices, caboclos, pretos-velhos, entidades - momento de encontro de uma vivência vívida. As Umbandas, os Candomblés são práticas coletivas assentadas no pensamento ancestral afro que reforçam os

¹ Pedro Ivo Cipriano Inocência, mestrando em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, pós-graduado em Metodologia do Ensino de Artes pelo Centro Universitário Internacional – Uninter, licenciado em Letras pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP. Artista plástico. Participou de exposições – galeria de arte do SESC, galeria de arte da FASE, galeria de arte do Centro de Cultura Raul de Leoni, projeto de arte “Arte Garagem”, projeto de arte “Profissão Artista” e Webinar Festival Desenho Vivo do Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília – CCBBrasília. Membro do Museu da Memória Negra de Petrópolis. E-mail: pedrociprianiocencia@hotmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

conhecimentos de educação e artes – religiosidades, o invisível e o visível concomitantes; tecnologias, comunicação com os *mortos-viventes*² e com os *viventes*, por meio da escrita dos caboclos, pontos riscados, os cantos pontos cantados, dança-performance das divindades e da *gira*. Esse é um movimento circular que dá nome à manifestação do rito umbandístico – culto às entidades, como agregadora de gente, metáfora das *universações*³ – sem estar fora do contexto social em que vive.

Um desenho feito pelo próprio movimento dos seres no terreiro: um desenho no ar. O movimento dos entes em círculos e no círculo na grande metáfora do universo que é a *gira*. Todo o terreiro está dentro do *pensamento-desenho*. Um pensamento desde o terreiro. E quando falo de desenho, falo de linha. Há uma linha imaginária que delimita todo ser no mundo dando-lhe forma, linha que está entre o visível e o invisível do ser no espaço formando o ser à medida que todo gesto no espaço, movimento, é acompanhado por uma linha que por consequência é desenho por ter uma intencionalidade de expressão.

Assim, o desenho é fruto de uma linha intencional que age no mundo. Um diálogo do ser com o mundo, ampliando a realização do desenho da natureza que faz seu próprio desenho. Além da uma inscrição do ser no mundo existem as próprias possibilidades de manifestações da natureza: as nervuras da plantas, as rugas nos rostos. O desenho em um campo ampliado de linguagem para arte, para a ciência e para técnica como meio de comunicação (DERDYK, 1989), mas sobre tudo um diálogo da natureza com ela própria. Penso um desenho a partir do terreiro que a cada gesto dos viventes e dos *mortos-viventes* em movimento em uma circularidade, a *gira*, contando histórias dos antepassados – um *pensamento-desenho*. O resultado do conceito de *pesamento-desenho*, que é um espaço poético onde a primazia dos símbolos umbandísticos, o orixá

² Segundo Ramose, (1999, p.10-11): “O *morto-vivente* continuar a viver apesar de sua saída do mundo dos vivos.”

³ *Universação* é um neologismo, cunhado através da arte que pratico, que significa universo de sensação e sobre tudo o universo em ação. Pensado em todas as percepções do corpo e não somente na percepção visual, mas sim em: tato, olfato, paladar, audição e o que o corpo sente.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

representado e apresentado no desenho, a linha como uma estrutura para o desenho, dançando ao som do canto, da oração afro: o espaço onde a linha e o gesto de grafam no suporte – chão, parede, tela, corpo – conhecimentos inventados e reinventados em um lugar poético afro, o terreiro.

A que chamo de Macumba Pictórica é essa experiência de pensamento afro- artística de uma ancestralidade; a plasticidade dos pontos cantados enquanto em forma de desenho que acaba por contar uma história de resistência e força dos povos sequestrados de África. Logo, reside em mim uma tentativa de criar uma escrita que vai de encontro ao que foi imposto ao encontro ao que foi encantado. O *pensamento- desenho* que dá o tom dos acontecimentos na *gira*, ao passo que a movência manifesta- se no sentido contrário ao do ponteiro do relógio o sentido positivo. Assim a *gira*, com o sentido da *gira* no terreiro, funda um pensamento acerca do tempo um desenho circular que fala dos tempos.

Para a filosofia africana, o ser humano cria o tempo e não o contrário (RAMOSE, 1999), que são tempos outros dos caboclos, pretos-velhos e entidades. Encantados por um tempo-espaço que conta outras histórias que assentam um traço coletivo do *ser-sendo*⁴ no mundo: uma experiência de pensamento tracejada. O ser do desenho se faz visível encarnado por um tempo-espaço afro, ancestralidade, que o é *pensamento-desenho*. Na África, não se separa nada. Não existe sagrado e profano, pois o que existe é um *ser-sendo* em que o *vivente* convive com *morto-vivente* em uma circular de *começo-meio-permanente* concomitante: a ancestralidade afro.

Desse modo, trata-se de uma tentativa de elaborar “um pensamento de diátese média” como diz Muniz Sodré (2017, p.73) para pensar acerca dessas produções em que se parte de um trabalho de si mesmo para si mesmo, de uma obra de arte que se volta para si própria para criar outra. O lápis que desenha é o próprio corpo, que desenha a *gira*.

⁴ Segundo Ramose, (2002,p.1-2)“De acordo com esse entendimento, a condição do ser-sendo com respeito a toda entidade significa que ser é ser na condição de *dade*. Tudo que é percebido como um todo é sempre uma total-idade no sentido de que ex-iste e per-siste em direção ao que ainda está para ser.”



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Tal circularidade está presente também nos pontos riscados, herança da escrita do continente africano, tanto em *Kemet* como em outros povos das Áfricas: “ponto riscado – ícone que evoca as suas qualidades os distingue e convoca no *ciberespaço* da Umbanda. Assim, os pontos riscados estabelecem a grafia dos ancestrais do antigo Congo na simbologia atual da Umbanda” (DANDARA e LIGIÉRO, 2000, p.148-149).

Assim, o ponto riscado é um diagrama afro que ultrapassa a geografia⁰, obedecendo às singularidades e aos coletivos do tempo-espaço no mundo, na relação verbal e não verbal com o invisível reforçando uma ideia ainda não materializada – intuição –, desaguando em uma imagem-escrita. É indubitável à analogias como as pinturas gráficas egípcias, *Kemet*, perceberam que os antigos da Terra Preta também escreviam se utilizando de uma técnica de comunicação com o invisível, ao passo que escrita é uma pintura, uma imagem se atendo ao elemento gráfico: a linha. Tal linha de pensamento que passar por uma pintura que é escrita, pictograma, não fica só em *Kemet*, mas também dança pelo sudeste da Nigéria, como a escrita *nsibidi* dos territórios dos Efik. Uma escrita, que se percebe estruturalmente em semelhança como a escrita *emética*, egípcia, que foi e assinalada desde 1912 pelo especialista britânico, P. Amaury-Talbot.

Na escrita de certos textos *keméticos* acerca da vida após a morte, como os símbolos apresentados, percebe-se como as coisas e os seres tomam consciência de si mesmo devido ao poder de transcendência da escrita, essa técnica de comunicação *kemética* (OBENGA, 2010).

As religiosidades de matrizes africanas têm como possibilidade alimentar a arte afrodescendente tendo como referência uma *escripintura*, pictograma, que dança pelas Áfricas com uma escrita que é imagem propriamente, porque os terreiros são uma marca da resistência africana no Brasil evidente naquelas artes, África ressignificada em terras brasileiras. A atividade mental, a ação mental é o pensamento e, assim, os seres, pelo ato de pensar, plasmam o mundo de si e, ao redor de si, cria mundos e neste caso, *pensamento-desenho*, a percepção de uma *universação* do mundo visível e invisível.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Desta feita, imbuídos de uma ideia não visível da realidade – a intuição que, em movência, deságua no mundo – o pensamento articula significados, com imagens em ação, além do conhecimento. E o pensamento extrapola o visível do ser humano nas suas *universações* no campo da *gestualísca* dos espectros ser; é fundador na trajetória dos dados articulados com o mundo, visível e invisível, para formar o conhecimento. É uma primazia do “senti, logo existo”. E o pensamento fora da cabeça e com a cabeça ajudando (SODRÉ, 2017) é o gráfico, é a imagem, é o desenho. Um pensamento que tem a tentativa de expressar visualmente uma substância concreta e, ao mesmo tempo, uma substância abstrata do mundo: a realidade em si e a realidade intermediada pelo ser humano.

Os significados, as idéias, tinham um liame com os símbolos palpáveis. Eram, na realidade, suporte semióticos. Os *keméticos* elaboraram uma lógica, um estudo, dos sentidos no diálogo entre os signos e imagens se apropriando de objetos para representar algo invisível ou abstrata. Traçavam, assim, um conjunto de símbolos sendo utilizados para representar e apresentar simultaneamente conceitos que estabelecem relação com a imagem grafada ao passo que o objeto, o ser desenhado evidencia toda uma estrutura de pensamento da realidade, no existir do universo. Esse pauta a escrita egípcia, *kemética*, que no fundo fala de todas as coisas existentes no universo – beleza, diversidade, harmonia, unidade – manifestações do universo. Um uso da imagem para pensar abstrações (OBENGA, 2004). Tem aí já no *Kémet* um *pensamento-desenho*, ao passo que a escrita é um conjunto de símbolos e signos expresso pela imagem de uma tentativa de fazer visível o invisível do pensamento. E, como isto, *pensamento-desenho* é em si o pensamento fora da caixa craniana que representa e apresenta um *ser-sento* no mundo uma movência criativa do ser por uma técnica para dialogar como os seres de si de outros.

Uma linguagem artística que pressupõe o corpo, pois é ele que desenha, que escreve um desenho de si. A estela com a estrita *kemética* - a Pedra de Roseta - os símbolos



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

nsibidi, o cosmograma *bakongo*, os pontos riscados e a Macumba Pictórica são experiências de pensamento plasmado em visualidades afro, a escrita, que traz para o concreto uma substância abstrata – o conceito de uma vivência invisível que pauta o visível. Nas sociedades negro-africanas, a linguagem artística é uma tecnologia de comunicação com os seres invisíveis que estão ao tempo todo vivendo e convivendo como os seves viventes. O canto, a dança, a música em uma harmonia, usam-se da harmonia à discordâncias de formas para se expressar e transmitir emoções captáveis pelos sentidos (CALAÇA, 2006), as várias formas de se sentir os seres invisíveis.

Importa ressaltar que pensar a linha, própria do desenho, fica evidente que há a intenção de pensar o mundo fora de mim e para mim mesmo, uma autocriação intuitiva, ideia não plasmada, do limite do ser e do ilimitado mundo: a linha, esta uma movência vital. A linha é limitante, mas é ilimitada ao mesmo tempo porque plasma o mundo, porque circundam-lhe na bidimensionalidade do traço. Um processo e um desenlace de traço afro contínuo artístico, ou ainda, processo no que tange ao peso do instrumento sobre o suporte, o peso do corpo de certa forma sobre o suporte, a extensão do corpo – a mão, que sulca o mundo – lápis, carvão, pomba⁵ fazendo surgir imagens. O desenlace deste processo, a imagem obtida, logo, igualmente, é desenho. Linhas, pontos e formas dão formas ao desenho: intenção plasmada, intenção formada.

Pois o que faz o desenhista? Aproxima duas matérias; empurra suavemente o lápis preto *em direção* ao papel. Nada mais. A coesão do grafite é então solicitada à adesão pelo papel imaculado. O papel é despertado de seu sono de candura, despertado de seu pesadelo branco (BACHELARD, 1994, p 53).

O desenho é a mãe da escrita e aqui penso uma que de todo modo se faz imagem, uma escrita como imagem; um desenho que é símbolo e signo de ideias do mundo e sobre o

⁵ Segundo Lopes, (2003, p. 174): “Na Umbanda, pedaço de giz usado para riscar no chão os pontos emblemáticos ou sinais cabalísticos de cada entidade (NA). O pó extraído da raspa desse giz, que se asperge ou passa no corpo, como proteção. Do quicongo mpemba, giz correspondente ao quimbundo pomba, cal.”



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

mundo do ser, em uma apresentação e representação do mesmo. Cabe mencionar que, o que grava o mundo com o traço é uma tecnologia de comunicação antiga, que os habitantes de *Kemet* conheciam bem e, a grosso modo, trata-se de um registro por via do risco em um suporte. Assim, infindáveis são os instrumentos utilizados para se registrar o gesto da escrita, igualmente os inúmeros suportes dos registros gráficos. Apesar de um modo tradicional, pensa-se que a grafia em um suporte tem um tempo duradouro, ao passo que a fala seria mais “rápida”, assim como o caráter de comunicação do texto escrito, os instrumentos, suportes, formas de circulação, são determinantes para sua durabilidade ou não.

Tudo é texto. Tudo que é tecido, texto, escrita. O corpo negro é um grande texto. Um documento com cor, história e contextualidade que nos remete à África que podemos ver todos os dias ao nos olharmos o espelho. Corpo cartografia de ultrapassar as fronteiras, um corpo que grava um mítico que anuncia sentidos (NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006). Um enunciado mensageiro. Ponto riscado é escrita que é texto. Cantar é texto. O que se inscreve no corpo é texto: guias, roupas; há um coletivo entre o mundo – visível e invisível – e a singularidade do *ser-sendo*.

Assim, a inscrição singular no mundo feita pelos pontos riscados nos lembra da perspectiva plural do mundo, visível e invisível, como inscrição espiritual coletiva no mundo. Assim, importa pensar a escrita como uma tecnologia de comunicação africana, um modo de se comunicar que usa o os símbolos e signos pra expressar com um sentido: texto. “A necessidade humana universal de comunicação e autoexpressão foi graficamente cristalizada na escrita egípcia, que procurou representar a forma do próprio universo. Isso é impressionante do ponto de vista semântico e filosófico” (OBENGA, 2004, p. 10), pois se inscreve como um *pensamento-desenho* onde se pensa o *ser-sendo* no mundo sustentado pelo símbolo.

Ainda neste gancho, trata-se de um *pensamento-desenho* que conta uma história; volta-se à concepção no que há de real, ou seja, a macumba no terreiro de Umbanda. O



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

próprio corpo se desenha e desenha-se no mundo, um poetizar-se para se fazer. A vida é mais, “ou seja, é imperioso reconstruí-la, reinventá-la, principalmente por meio da arte.” (SODRÉ, 2017, p. 95). Meu pensamento plástico, minha poética, parte de uma África reinventada no Brasil: o Terreiro de Umbanda. Um tempo-espço que se é vivido e revivido em histórias de resistências *revivências* afro.

Assim, venho a desenvolver uma série artística, Macumba Pictórica, que se utiliza do desenho, do gesto de escrever como uma experiência de pensamento embebido de africanidades, ao passo que o próprio processo artístico, atendo-se à tecnologia afro de comunicação que é a escrita, formula um movimento pautado na ancestralidade afro. Uma comunicação com ela e, nesse caso, uma ancestralidade negra, pois escrevo no suporte, lençol, os pontos cantados no terreiro de Umbanda. Todos têm uma memória viva a se reportar e estes pontos cantados me remetem a tais memórias de resistência, de luta e de majestade. Uma memória que não só potencializa enquanto formação de pessoa, mas também a manifestação do ente *vivente* no espaço e no tempo. Há uma apropriação da palavra como elemento pictórico. Não qualquer palavra, mas a palavra cantada no terreiro de Umbanda. Assim, o trabalho plástico é uma escrita encantada, aquela que não passa pela experiência da morte (SIMAS e RUFINO, 2018), uma carta para os ancestrais, para o invisível. Afirmo como carta porque tem como proposta a comunicação com as deidades da cosmologia africana.

O mito é uma experiência de pensamento, *pensamento-desenho*, manifesta-se como imagem externa, a caixa craniana, reiterando um pensamento afro em transe em autopoiesis na sociedade; trata-se, portanto, de um pensamento da nossa natureza de desenho, da nossa natureza de homem afrodescendente, a uma experiência de pensamento visual, um saber que, enquanto artista afro, herda.

Segue, desse modo, uma ampliação do conhecimento do mundo pelo olhar que produz uma experiência artística, que de tal modo, em conjunto com os *pensamentos-desenhos*, apresento e represento os mitos: *Oxóssi*, *Iemanjá* e outros. Escolhi o desenho



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

como propulsor para elucubrar uma instância do ser, pois me interessa toda a sua especificidade: linha, forma, textura, suporte, cor, espacialidade, harmonia. Porém, é indubitável que a linha seja a soberana, permanente e definidora, ao passo que a linha transite entre o desenho e a escrita, desembocando em símbolos.

Interessa-me essa transição do desenho como definidor e infinito da forma, porque é nesta ponte, corpo da linha, que pode estar o símbolo, as flechas *apontantes* de possibilidades dos sentidos do que se vê, do que se sente sobretudo:

Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é escrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. Escritor da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predetermined (KILOMBA, 2019, p.28).

Penso desenhando e desenho pensando, então, escrevo sobre mim e falo de mim, falo do que me toca e me afeta; o ser afro e homem passa pelo meu *pensamento- desenho* e, por isso, escrevo. Uma “escrita de artista” (PAULINO, 2011) cujo texto é mais elemento para se pensar a obra, desenho, que funciona concomitante ao próprio fazer artístico plástico, e não em oposição, explicação pura da produção plástica. E ao fazer isso, insiro-me na relação com o mito, corpo afro que se desdobra em trânsito no espaço e no tempo. Ao esboçar uma “escrita de artista”, torno-me o sujeito da minha própria história.

Parto do singular, da minha aldeia, para pensar o mundo. “O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS *apud* CASTELLO, 1959). Imbuído de uma vivência afrodescendente no terreiro de Umbanda, justo sair deste lugar um pensamento macumbeiro, macumba, prática religiosa afro, que aparece no meu trabalho com os pontos cantados que apresenta ancestrais divinizados nos terreiros de Umbanda.

Este ato de escrever – não qualquer escrita, mas sim uma “escrita de artista” que traz pontos contundentes – apresenta-se por conta da epiderme, mas que se abra para a possibilidade no que forma o ser: a relação com o mundo e as coisas. Existe a



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

necessidade de tornar-se sujeito, e tento pensar isso desenhando. Logo, uma ação memória que clama por ser contada, pois trata de especificidade do corpo afrodescendente, pois a mão que desenha é a mão que se instrumentaliza para poder vislumbrar uma ideia de um traço no mundo. A mão é o corpo e o corpo é a mão. O desenho é pensamento, uma linguagem não verbal. Sem verbo, mas com *verberecência*. Cabe ao *desenhador* dizer qual é a intenção do traço. E a minha intenção é trazer a ancestralidade para ajudar-me a pensar o transitar no mundo contemporâneo. Mas para isso, toco na questão estritamente do meu processo poético, *pensamento-desenho*. Apresento uma forma de desenho expandido que vem trazendo sentido no próprio ato do tema, das imagens que já me remetem à particularidade: o mito afro, o canto de lemanjá.

A poética do ser desenho afro

Dentro dos sentidos para rito, o que mais me interessa são os procedimentos para se alcançar uma finalidade que, a grosso modo, está ligada a uma cerimônia religiosa ou cível. Uma sequência de palavras e gestos que se utiliza da repetição para compor uma celebração constitui-se rito, podendo atualizar o mito, é uma técnica de comunicação como o invisível que está preocupada em se alçar uma finalidade. Utilizo-me de uma ritualística para um fim que não tem fim: a ancestralidade e é na sucessão de palavras e gestos elaborada de maneira repetida, assim como no terreiro, que vou elaborar meus *pensamentos-desenhos* para um fim que é o *começo-meio-permanente*: ancestralidade afro.

O poético está exatamente neste extrapolar da linguagem, pois só com ela se faz um paradoxo do existir da poesia no desenho, que explora o próprio sentido dos materiais para dar forma a um poema pictórico, o invisível essencial que potencializa a vida nas coisas – o poder de realização das coisas – o rito do axé:

A poesia converte a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens. E essa segunda característica, o fato de serem imagens, e o estranho poder de suscitarem no ouvinte ou no espectador constelações de imagens, transforma em poemas todas as obras de arte. (PAZ, 1982, p. 27)



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Este *pensamento-desenho* é o invisível latente, que traz consigo um saber de uma ancestralidade evidenciada pela imagem que se desdobra em outras leituras. A beleza está no reconhecimento do real concreto que é eterno – poesia – um quê de inefável cheio de palavras com movências: palavras som, palavras cor, palavras gestos. Falo de uma harmonia que não necessariamente esteja atrelada ao equilíbrio, o peso exato das coisas, a linha reta e espelhada, levando ao não movimento, mas do equilíbrio do desequilíbrio da nota das coisas, do tom das coisas, do conflito das coisas e, mesmo assim, o diálogo com todos os elementos.

Reivindicando uma metafísica da materialidade, de certa forma ou totalmente de um sensível, uma transcendência materialista, resolve-se numa física, quando se fala de invisível concreto manifestado no desenho ancestral. Um fazer que cria *unversaões* internas, externas e futurísticas. A poética possui um movimento com o ser em diálogo com outros de mim em movimento *estético-ético*, *ser-sendo* de cores, saberes, conhecimentos e formas que transformo em visualidade no invisível que se mostra. Para o povo yorubano, a beleza não está desarticulada como o ser, mas sim intrínseca a uma ética, pois esta liga ao proceder no mundo atrelado ao caráter. Um corpo belo é um corpo como caráter, portanto, um corpo ético, uma circularidade de pertinentes ao indivíduo de beleza e caráter (EUGENIO, 2020) – uma estética e uma ética concomitante. Uma capacidade de plasmar o invisível.

Desse modo, na obra, tudo fala. Todos os materiais falam. Poética que encanta e encanta-se por ser “cavalo”⁶ do *morto-vivente*, por ser “cavalo”, suporte do espírito. Assim, ao trazer tal noção para o campo da arte do *pensamento-desenho*, o “cavalo” é a tela, o chão, a voz que canta e, por fim, o artista. O corpo obra de arte, o corpo de negro como obra de arte que transmite arte e experimentar enquanto obra de arte. Um corpo que a obra de arte de um Deus artista, Obatalá, que possibilita tal corpo de criar-ser, elaborar a si mesmo a partir dos seus momentos herdados como símbolos de uma

⁶ “Cavalo” no terreiro de Umbanda é a denominação para o médium que dá incorporação ao espírito – entidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

comunidade. Retomando elementos comunitários para criar-se em conjunto cultural comunitário de uma ancestralidade afro yorubana (EUGENIO, 2020). O criar-ser em obra de arte, no próprio ato de pensar pelo desenho e com o desenho e sendo desenho, vai ao encontro de uma arte que clama pela coletividade no próprio tema da ancestralidade. Pensar uma poética afro é pensar uma poética de uma afinação com o invisível, constituído de histórias e saberes com um indivíduo aberto a aprender, a viver em transe, e trânsito em relação harmoniosa com seres. *Universação* feérica de uma realidade sem a fronteira da morte. A linha é definidora, mas não é definida:

O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens. Na verdade, o desenho é ilimitado, pois que nem mesmo o traço, esta convenção eminentemente desenhística, que não existe no fenômeno da visão, nem deve existir na pintura verdadeira ou na escultura, e colocamos entre o corpo e o ar, como diz Da Vinci, nem mesmo o traço o delimita (ANDRADE, 1975, p. 3).

Os processos artísticos enunciados na proposta de desenhos interessam acerca da simbologia do material que se soma ao conceito empregado nele: o pó xadrez preto, a cal, o carvão vegetal, a pomba, sem dúvida, possuem uma carga simbólica forte, pois o carvão vegetal é muito utilizado para os desenhos artísticos, conhecido como sangue preto nos terreiros, em que desemboca na ideia de desenhar, de riscar, que muito me interessa um desenho primeiro das coisas. A pomba, o sangue branco nos terreiros, que nos lembra o invisível das coisas a instância do espiritual das coisas; a horizontalidade que o desenho pede provoca um gesto sobre o suporte, que remete à reverência que os caboclos fazem para realizarem suas escritas de força – pontos riscados, desenhos recados – no terreiro visto que desenho sobre o chão e não sobre a mesa; o carvão também pode servir de comparação ao negro, que risca o tempo-espaço e aponta possibilidades; a tinta cal transforma o branco do tecido, que apresenta um tingimento do próprio branco em linhas brancas movimentadas, e ao mesmo tempo, não cobre toda a superfície.

A cal ainda transmite uma ideia de morte, porém uma morte viva, assim como a pomba é o elemento do espiritual na arte viva remetendo ao tal *morto-vivente*, que é cultivado nos cultos afros, os espíritos dos antepassados. Desse modo, para falar do suporte,



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

remete-me à própria ideia de desenho subordinado ao tempo para ser riscado, esperando para servir de base de uma história que ainda não foi escrita.

Além disso, tratamos da repetição no ato de desenhar na imagem que se sobrepõe ao trabalho, seja a repetição onde o significante – tinta pó xadrez preta – enquanto material é macerado no suporte, seja o seu significado que a própria cor traz somando seu conceito ao próprio material, criando gestos repetitivos, seja na repetição que forma a imagem *gestualística* que, por sua vez, forma diálogos complexos com o espaço. Assim, importa destacar que:

Repetir é provocar a manifestação da força realizante. É inelutável a repetição: nos fenômenos naturais, no ciclo das estações e dos dias, na linguagem, no amor, na própria dinâmica do psiquismo (Freud insiste, por exemplo, no caráter repetitivo da pulsão). Acentuar o caráter repetitivo da existência é também entrar no jogo da encantação ou do mito que resistem ao efêmero, ao passageiro. O mito implica a eterna reiteração de uma mesma forma, de um destino, mas dando margem a variações (SODRÉ, 1988, p.131).

É no desenho que me faço encanto, é no desenho que vou encantar, transformar-me em um desenho assim como a criatura se torna o criador. Quando olho um desenho, já sou ele todo encantado, como quando Charbonnier *apud* Merleau-Ponty (1969) fala que já é uma floresta ao se estar nela. Já se é desenho ao pensar no desenho.

O desenho é um modo de ser pensamento, pensando o desenho eu me penso, crio a mim mesmo. O desenho é uma prática de vivenciar o mundo que, com suas circunstâncias, incham o gesto riscado, *desenho-escrita* em mais um se fazer no mundo. “A pintura não é, então, uma atividade; é um modo de ser, é possuir à distância, é deixar a visibilidade se manifestar. Aquela comunicação muda com as coisas; aquele simples desejo de ver é, de fato, um caminho que leva à filosofia” segundo Merleau-Ponty (1969, p. 16).

No gesto de traçar um conhecimento, um coletivo pretérito, por via da arte elabora uma arte do nós, enquanto sujeito, que passa a ser coletiva por tratar da ancestralidade. Esta retoma um coletivo mítico de um povo. “A funcionalidade da estética africana diaspórica inclui traçar um caminho de conhecimento de si mesmo e libertação e avanço intelectual



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

do povo preto” segundo Eugenio (2020, p.114). A beleza está em buscar por via do desenho uma harmonia entre o artístico de mim e meu passado mítico poética de um proceder afro, um modo de viver que aponta hoje caminhos: um gesto de ser criativo. O movimento é algo evidente nos desenhos: o movimento que as próprias figuras induzem, ou seja, o movimento que as linhas conduzem. Há movimento, igualmente, na intenção do desenho tornar-se símbolo deste transitar que nos é cara à percepção.

Considerações

Engendramos esta “escrita de artista” como uma elucubração de parte das minhas inquietações estéticas. Ao longo de sua urdidura, algumas dúvidas foram respondidas e outras surgiram ao longo dele, e que restaram depois de escritos. Assim, gostaria que o leitor, o espectador tivesse a percepção de que este texto representa a ponta da nossa pesquisa pictórica e até mesmo de escrita.

Visualizamos a obra como uma tentativa de pensar o desenho, o ser do desenho, por ele em uma escrita de um processo pictórico: percebi que pode ser desdobrado e ampliado, ao passo que a problemática conceitual servirá de combustível para prosseguir e crescer à frente. Deste modo, desenvolvi ideias criativas que trazem no seu cerne o cuidado de não fixá-las no lugar do pronto e acabado, mas que seja uma obra aberta em crescimento. O que foi desenhado aqui está aberto ao diálogo com os pensamentos de outros sujeitos que compreendam esta pesquisa de outra forma.

Então, o que debati aqui é somente a reprodução de um dos muitos pontos de vista no que toca aos processos do pensamento manifestado e manifestando desenho, de memória, em que temos a ciência de que outros pontos de vista surgirão, porque as identidades não existem fora de um contexto, mas formam o texto das identidades em processo. Portanto, as considerações que alinho falam a respeito do processo de experiência de pensamento do sujeito afrodescendente situado nas práticas culturais afro, nesse caso, a macumba, o culto aos orixás, ao inquises, caboclos, pretos-velhos, entidades. Desenho este trabalho pensando em um texto que saia da obra de arte



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

desenho somando a sua fruição para divagar sobre outra instância do ser afro sem ao menos deixar de considerar os aspectos próprios do desenho e sua performance como identidade, que estaria ligada às formas pelas quais o indivíduo se apropria de sua história, criando outra e uma escrita pela arte, uma are pela escrita.

As identidades tocam em papéis sociais e imagens conscientes e inconscientes dos vários “eus” que sou em vários espaços-tempo: nas relações sociais, muitos se tornaram aquilo que não gostariam de ser por pertencerem culturalmente a um grupo, a um gênero. Entretanto, a prática, o desenvolvimento social e a modificação da comunidade não estão separados da vida individual.

Assim, na macumba, no culto ao ancestral, pululam práticas e outras maneiras de narrar a história do homem afro no Brasil, que está longe de ser um lamento social, da sensação de não pertencimento, de falta. Logo, há outras maneiras de lidar com as identidades negras no Brasil, e usar o próprio desenho afro, que chamamos de traço afro contínuo poético ancestral, para fazer um *desenho-pensamento* ou um ***pensamento- desenho afro***.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. **Do desenho**. In: Aspectos das artes plásticas. São Paulo, FAUUSP, 1975.

BACHELARD, Gaston. **O DIREITO DE SONHAR 4ª EDIÇÃO** Tradução de José Américo Motta Pessanha Jacqueline Raas Maria Lúcia de Carvalho Monteiro Maria Isabel Raposo.

CALAÇA, Maria Cecília Felix; SILVA, Dilma de Melo. **A Arte Africana e Afro-brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

CASTELLO, José Aderaldo. Machado Assis: **Crítica**. 2 Edição Rio de Janeiro Editora Livraria Agir, 1959.

DANDARA E LIGIÉRO, Zeca. **Introdução à Umbanda**. Nova Era: Rio de Janeiro, 2000.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. Editora Scipione, 1989.

EUGENIO, Naiara Paula. **Estética e Filosofia da Arte Africana: Uma Breve Abordagem sobre os Padrões Estéticos que Conectam África e sua Diáspora**. Problemata: R. Intern. Fil. V. 11. N. 2 (2020), p 112-123 ISSN 2236-8612

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – Episódio de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Editora Cobogó, 2019.

INOCÊNCIO, Pedro Ivo Cipriano. **Macumba Pictórica**. Revista Espaço Acadêmico – n. 225 – nov./dez. 2020 – bimestral – Ano XX – ISSN 1519.6186.

LAWAL, Babatunde. **Arte pela vida: a vida pela arte**. Afro-Ásia ISSN 0002-0591 (impresso) 1981-1411 (online). 1983.
<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20820>. Acessado em nov. 2020.

LEITE, Fábio. **Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas**. África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 18-19 (1).103- 118, 1995/1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74962>. Acessado em: jan. 2020.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss/ Nei Lopes – Rio de Janeiro: Palas, 2003.

MAGALHÃES, Paulo. **Saberes da Kalunga** – pensando o mundo contemporâneo a partir da epistemologia bakongo. Acessado em 8/2021
[file:///C:/Users/cipri/Downloads/saberes-da-kalunga-pensando-o-mundo-contemporaneo-a-partir-da-epistemologia-bakongo%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/cipri/Downloads/saberes-da-kalunga-pensando-o-mundo-contemporaneo-a-partir-da-epistemologia-bakongo%20(2).pdf)

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Gerardo Dantas Barretto. Prefácio de Grigore Dobrinesco. Grifo Editora, 1969. No Brasil. 2ª. Ed, São Paulo : Martins, 1975.

NASCIMENTO, Elisa Larkin, **Pan-Africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra**. Editora Vozes: Petrópolis, 1981.

OBENGA, Théophile. **Egypt: Ancient History of African Philosophy**. In: KWASI, Wiredu (ed.). A Companion to African Philosophy. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, p.31-49. Tradução para uso didático, para o projeto de pesquisa Dissecando o racismo epistêmico: a urgência de outra perspectiva no ensino de filosofia, por Vinícius da Silva (viniciuxcostasilva@gmail.com).



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

OBENGA, Théophile. **Fontes e técnicas específicas da história da África – Panorama Geral**. In: KI-ZERBO, J. (org.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2. ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Editora Gráfica popular, 2007.

PAULINO, Rosana. **Imagens de sombras**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Evandro Carlos Frasca Poyares Jardim

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary, 2ª edição. Rio de Janeiro – Nova Fronteira, 1982.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu**. Tradução para uso didático: RAMOSE, Mogobe B. The ethicsofubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

RAMOSE, Mogobe B. **African Philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>. Acessado em: jan. 2020.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. INSTITUTO KUANZAIMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 2006.

SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**/ Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negra-brasileira**. Editora Vozes Petrópolis, 1988.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas africanas dos Orixás**. Ilustrações Carybé; Maria Aparecida da Nóbrega. - 4a ed. - Salvador: Corrupio, 1997.

VIEIRA, R. A. Amaral. **O fundamento da comunicação**. 2ª edição Achiamé: Rio de Janeiro, 1981.

ANEXOS



FIGURA 1. **Imagens reproduzidas da web.** Face da Pedra de Roseta, com seus textos destacados.

FIGURA 2. **Imagens reproduzidas da web.** Símbolos Nsibidi que são indígenas dos membros Igbo, Ibíbio, Efik, Annang e Eko/ Ejagham da sociedade Ekpe.



FIGURA 3. **Imagens reproduzidas da web.** Cosmograma Bakongo.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

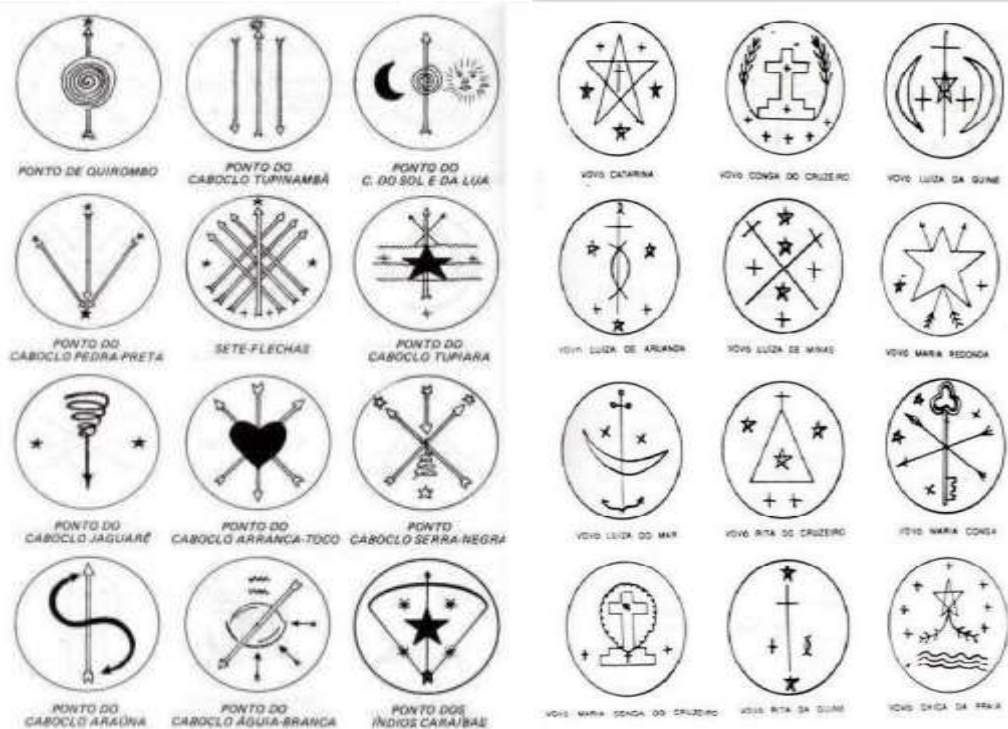


FIGURA 4. Imagens reproduzidas da web. Pontos de Caboclos.

FIGURA 5. Imagens reproduzidas da web. Pontos de Pretos-velhos e Pretas-velhas.



FIGURA 6. **Cipriano.** Ao sabor das correntes, Técnica mista sobre lençol, 2020, 216x114cm



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

FIGURA 7. **Cipriano**.Carta para Xangô. Técnica mista sobre tecido lençol, 2020, 220X197cm.



FIGURA 8. **Cipriano**.Cambinda mostra quem é. Técnica mista sobre tecido lençol, 2021, 209x195cm.

FIGURA 8.**Cipriano**.Macumba. Técnica mista sobre lençol, 2021, 212x174cm